

IDENTIDADE ITALIANA E MEMÓRIA DA IMIGRAÇÃO: ESTUDO DE MUSEUS DA SERRA GAÚCHA

Beatriz Veroneze Stigliano
Patricia Kreuzburg Marques
Pedro de Alcântara Bittencourt César
Vander Valduga
Universidade de Caxias do Sul – Brasil

Resumo

Estudam-se as condições formadoras encontradas em Museus da Serra Gaúcha, localizada no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nas localidades pesquisadas, que remetem a uma região cultural, presencia-se a formação de um imaginário local relacionado a uma história da vida do imigrante italiano. Nesta pesquisa, analisam-se as duas principais cidades desse processo migratório - Caxias do Sul e Bento Gonçalves - e a relação com os seus museus locais. Assim, verifica-se o envolvimento dos grupos formadores e os agentes envolvidos com o processo de visita a essas instituições. Esta condição possibilita relacionar as condições: memória Italiana, processo de formação de uma identidade do imigrante e as condições atuais de visita. Observa-se que, muitas vezes, a identidade Italiana é fundida com a própria condição de imigrante. Tal lógica se estabelece a partir da dualidade entre memória construída e imaginada dos dois continentes. Analisam-se os museus como depositários e instrumentos de interpretação e educação patrimonial.

Palavras-chave: Imigração italiana. Memória. Museus. Serra gaúcha

IDENTIDAD ITALIANA Y MEMORIA DE LA INMIGRACION: ESTUDIO DE LOS MUSEOS DE SERRA GAÚCHA

Resumen

En este documento se estudian las condiciones formadoras encontradas en museos de *Serra Gaúcha*, localizada en el Estado de *Rio Grande do Sul*, Brasil. En las localidades investigadas, que remiten a una región cultural, se observa la formación de un imaginario local relacionado con las historias de vida de los inmigrantes italianos. En esta investigación se analizan las dos principales ciudades donde se encuentra este proceso migratorio, *Caxias do Sul* y *Bento Gonçalves* y su relación con los museos locales. De este modo, se verifica la inclusión de grupos formadores y agentes involucrados con la visita a esas instituciones, cuya condición permite relacionar las siguientes situaciones: la memoria italiana como proceso de formación de la identidad del inmigrante y las condiciones actuales de visita. Se observa a menudo que la identidad italiana se funde con la propia condición de inmigrante. Tal lógica se establece a partir de la dualidad entre la memoria construida y la memoria imaginada de los dos continentes. Los museos se analizan como depositarios e instrumentos de interpretación y educación patrimonial.

Palabras clave: Inmigración italiana. Memoria. Museos. *Serra Gaúcha*

ITALIAN IDENTITY AND MEMORY OF IMMIGRATION: STUDY OF THE SERRA GAÚCHA MUSEUMS

Abstract

In the present document we study the formative conditions found in the museums of *Serra Gaúcha*, located in the State of *Rio Grande do Sul*, Brazil. In the studied towns, which refer to a cultural region, the creation of a local *imaginarium* related to the life stories of Italian immigrants is observed. This research analyzes the two main cities where the migratory process took place, *Caxias do Sul* and *Bento Gonçalves*, as well as their relationship with the local museums. Thus, the inclusion of training groups and agents involved in the visit to those institutions can be verified, enabling the relationship between the following situations: the Italian memory, as the forming process of the immigrants identity, and the visiting conditions at present. Very frequently, the Italian identity merges with the proper immigrant condition. This can be inferred from the duality between the constructed memory and the imagined memory of both continents. The museums are analyzed as depositaries and instruments of interpretation and heritage education.

Key words: Italian immigration. Memory. Museums. *Serra Gaúcha*

IDENTIDADE ITALIANA E MEMÓRIA DA IMIGRAÇÃO: ESTUDO DE MUSEUS DA SERRA GAÚCHA

Beatriz Veroneze Stigliano
Patricia Kreuzburg Marques
Pedro de Alcântara Bittencourt César
Vander Valduga
Universidade de Caxias do Sul – Brasil

Introdução

Atualmente, um fato emerge e influencia a construção do significado de patrimônio: a elaboração do conceito de pós-modernidade, valorizando a nostalgia estilística (SOJA, 1993; FEATHERSTONE, 1997). Com a pós-modernidade, ressurgem o vernacular, formas de representação que utilizam o pastiche e a colagem lúdica de estilos e tradições. Deste modo, “há um retorno às culturas locais, e deve-se enfatizar: culturas locais no plural, bem como o fato de que elas podem ser colocadas ao lado uma da outra sem distinção hierárquica” (FEATHERSTONE, 1997, p.135).

A pós-modernidade envolve a dissolução das fronteiras, não apenas entre a alta e baixa culturas, mas também entre diferentes formas culturais, tais como o turismo, a arte, a educação, a fotografia, a televisão, a música, o esporte, as compras e a arquitetura (URRY, 2001). O termo diz respeito a um sistema de signos ou símbolos, específico no tempo e no espaço, referindo-se à esfera cultural, cujo relacionamento é um tanto idiossincrático. As formas culturais pós-modernas não são consumidas em um estado de contemplação, mas afetam os espectadores através de seu impacto imediato.

Algumas pesquisas realizadas mostram que existe uma correlação direta entre a memória cultural, o conhecimento, a auto-valorização, a oferta de diversas experiências culturais e a atividade econômica que pode derivar do desfrute dos bens patrimoniais.

Dessa maneira, o patrimônio, como expressão da identidade, pode ser visto como uma referência dinâmica, como um valor de uso agregado, que, constantemente, deve ser apropriado e reformulado em função das experiências de um passado ainda vital no presente, fundamento, por sua vez, de um futuro que se pretende construir (STIGLIANO, 2009).

O turista atual, alinhado às tendências acima mencionadas, estaria mais propenso a ter maior interesse em vivenciar, em experimentar, não só o valor da natureza, mas o que existe de diferencial na cultura local. Isto engloba, por exemplo, a gastronomia, as tradições, a forma de relação homem/natureza, lembrando de Featherstone (1997, p.153), para quem “na cultura local é enfatizada a própria identidade”. Identidade esta que, por sua vez, pode se referir a pessoas e a objetos, implicando uma relação de semelhança ou de igualdade (HAESBAERT, 1999, p.173). Na discussão da identidade territorial “por mais que se reconstrua simbolicamente um espaço, sua dimensão mais concreta constitui, de alguma forma, um componente estruturado e da identidade.” (HAESBAERT, 1999, p.174).

Por sua vez, a patrimonialização consiste em um processo que se funde ao processo de territorialização das relações de visitação, tendo como base a relação território e cultura. Nela, elabora-se uma consciência dos valores patrimoniais, atribuindo valor de representação e comunicação (CARAS, 2004), em um espaço apropriado.

Dessa forma, identidade, cultura, patrimônio, território são elementos formadores dos significados que sustentam os objetos e as ações, através de uma relação mediadora por processos entre cultura e território, como ator e sujeito da relação de visitação (CARAS, 2004), em uma dialética entre concreto e abstrato, material e imaginário, profano e sagrado. O patrimônio traz, assim, em seu estatuto, uma articulação entre o passado, presente e futuro.

Etimologicamente, Di Meo (2007) cita que, na língua francesa, a palavra patrimônio remete a escritos do século XII, porém, seu significado refere-se a bens de família herdados de gerações anteriores, de forma privada. Seu status público ou coletivo se desenha a partir da Idade Média, mas originário do sentido privado e seu significado se estende às igrejas e ao que é de seu domínio. A partir do século XVIII é que ganha uma conotação de permanência e de transferência de uma geração a outra numa concepção material, edificada e não simbólica. Mais tarde é que seu sentido é ampliado para valores puramente ideais, de ideias e conhecimentos, de concepções e práticas, de técnicas e de saber-fazer (DI MEO, 2007). No entanto, nem em tempos recentes o patrimônio perdeu seu sentido privado, conforme referência ao patrimônio “sang”¹, de Gravari-Barbas (2005). Ela afirma que o patrimônio é fundado sobre uma descendência direta entre o grupo produtor de riquezas e seus herdeiros. O patrimônio a que a autora se refere é material e afirma que a identificação de um grupo a um território é expressa essencialmente através dos elementos patrimoniais materiais. Quando já não pode mais ser expressa através de elementos materiais, Gravari-Barbas (2005) complementa que, conforme a mobilidade dos grupos sociais que eventualmente dominam uma tradição imaterial, oral ou artesanal, pode ocorrer um fenômeno chamado de exterritorialização do patrimônio, com a ausência de referentes patrimoniais territorializados. Essa situação, em caso de mobilidade de um grupo social, pode privá-lo de uma expressão identitária espacialmente constituída ou abre-se, nesse jogo, a possibilidade do uso de elementos de outros territórios.

Segundo Di Méo (1994) o patrimônio funciona como um catalisador da função territorial, pois funda uma memória comum, isto é, tem uma função identitária. Gravari-Barbas (2005) expõe outra face do patrimônio, a que funciona como um objeto político, notadamente a favor dos eleitos, no que denomina de “territorialização do patrimônio”, quando há o interesse de fixar um grupo a um território e de criar vínculos identitários². De forma resumida, Featherstone afirma que à regularidade e à frequência de contatos com um

¹ Sangue. Livre tradução.

² Essa relação é bem evidente, particularmente, quando relacionada aos valores religiosos, conforme Heinich (2009). Segundo a autora, existe o valor do patrimônio edificado, nesse caso igrejas, basílicas, entre outros, e o valor religioso dos que frequentam esses espaços. São valores distintos, que podem ser antagônicos ou complementares. Para a imigração italiana no

grupo de outras pessoas significativas é que se atribui a sustentação de uma cultura comum, sendo que a geração de rituais, cerimônias e memórias coletivas é algo vigoroso e oferece grande apoio emocional. Essas ocasiões podem ser entendidas como baterias que armazenam e recarregam o senso comunal. É possível, também, recorrer às memórias coletivas, que remetem a contextos grupais do passado, periodicamente reforçados através do contato com outros que compartilharam a experiência inicial (FEATHERSTONE, 1997).

Buscou-se, desse modo, compreender alguns dos valores engendrados na formação de dois museus: o Museu da Família Zinani, ou Casa do Imigrante, em Caxias do Sul, e o Museu do Imigrante de Bento Gonçalves, ambos situados na área conhecida como Serra Gaúcha, no Estado do Rio Grande do Sul.

Metodologia

O estudo ora proposto é de caráter teórico-prático. Alicerça-se nas técnicas de observação, entrevista, análise de documentos e referencial teórico, tendo natureza qualitativa.

A construção de um projeto de pesquisa qualitativo, segundo Deslandes (1983), contém elementos metodológicos fundamentais, como: a definição da amostra, que não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade, considerando, sim, quais são os indivíduos sociais que têm uma vinculação mais significativa com o problema a ser investigado; a coleta de dados e a organização e análise destes.

Optou-se pela pesquisa qualitativa por uma série de características próprias (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 16): os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas; as questões a investigar são formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda sua complexidade e em contexto natural (ou seja, os dados são recolhidos nos locais em que se verificam os fenômenos nos quais se está interessado e que são apreendidos nos comportamentos naturais das pessoas – conversar, observar etc.).

A memória

Nos estudos culturais, a história é substituída pelo passado, pela memória, e, então, trazida para sua íntima conexão com o presente e o futuro. Por sua vez, as relações sociais da memória são poderosamente importantes na constituição da identidade e do lugar (COSGROVE, 1999, p.23).

sul do Brasil em fins de século XIX, essa função teve particular relevância na construção identitária, uma vez que a vida social dos imigrantes e descendentes se estruturou no entorno das capelas, igrejas e grutas rurais, que, por sua vez, emprestaram o nome às comunidades, no sentido de localização. A religião católica foi marcante no período de imigração, as capelas se tornaram o espaço de referência e de legitimação social desse grupo, balizando valores, ideais, ideias, crenças, que foram herdadas pelas gerações seguintes. Diversos trabalhos relacionam essas características, entre eles Dreher (1999, p. 146-147) e Valduga (2007, p. 50-55A), De Boni (1980, p. 241-245).

Segundo Meihy (2005, p.63), memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais. Elas podem ser individuais, sociais ou coletivas.

Afirma Le Goff (2003) que a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. É um elemento essencial da identidade, “individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p.469).

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento (BOSI, 1994, p.3). Ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p.9). A percepção complexa e concreta faz uso das lembranças. Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. (BOSI, 1994, p.47-8)

A memória coletiva envolve as memórias individuais, sem se confundir com elassendo recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, p.53-4).

Nesse contexto, a construção de um outro horizonte historiográfico depende do reconhecimento da existência de memórias coletivas que, mesmo heterogêneas, são fortes referências de grupo mesmo quando tenham um fraco nexos com a história instituída (PAOLI, 1992). Remete-se à disputa pela memória social, “que constantemente desmonta os mecanismos de institucionalização do significado que a sociedade constrói a respeito de si mesma” (PAOLI, 1992, p.27), ou seja, de seus cidadãos, suas diferenças, suas identidades e desigualdades.

Museus em um novo contexto

Fernández (2003) ressalta que o museu, apesar de uma instituição controversa, é bastante presente e influente no âmbito cultural, em geral, e patrimonial, em particular.

O museu vem se convertendo em um meio, um instrumento a serviço da comunidade e do patrimônio. Funções do museu, neste momento, devem ser o estudo e a investigação do patrimônio, sua salvaguarda e difusão. Ele trata, desse modo, de ser mais que ser “un lugar donde se almacenan, conservan y muestran diferentes obras y objetos del patrimonio” (FERNÁNDEZ, 2003, p.11; 16).

Desta forma, pode-se falar de algo vivo e didático, de um museu como sedução e espetáculo, com muitos matizes “como puedan ser los propios de una cultura finisecular, fragmentada, neobarroca y consumista, en conexión con ciertos parámetros de una llamada sociedad postmoderna” (FERNÁNDEZ, 2003, p. 15-6). Converte-se, assim, em “instrumento de

desarrollo y dinamización sociocultural al servicio de una sociedad abierta y democrática” (FERNÁNDEZ, 2003, p.63).

Com a abordagem da nova museologia (Maure, 1996, p. 127), destaca-se um novo paradigma – da mono à multidisciplinaridade; do público à comunidade; do edifício ao território; da conscientização da comunidade com relação à existência e ao valor de sua própria cultura; de um sistema aberto e interativo, tendo por objeto o patrimônio doado pela comunidade; do diálogo entre sujeitos, com a participação ativa dos membros da comunidade, em que o museólogo deixa a posição de *expert* e passa à de catalisador a serviço das necessidades da comunidade. A exposição coloca em cena os objetos, com uma linguagem visual utilizada e praticada por todos na vida cotidiana.

Síntese da análise dos museus pesquisados

Museu da Família Zinani ou Casa do Imigrante

O museu da família Zinani (Vide figura 01) situa-se no município de Caxias do Sul, na via denominada Estrada do Imigrante. Originalmente, a estrada foi uma trilha aberta para a colonização de imigração Italiana à região, a partir de 1875 (GIRON, 1977). Em 1998, passou a integrar o roteiro turístico ‘Estrada do Imigrante’.

Este caminho abriga uma falha geológica, cujos paredões apresentam beleza cênica peculiar. Tal característica define limites naturais na reprodução social do espaço³. A área se caracteriza ainda fortemente pela produção de uvas e, cada vez mais, sofre pressão imobiliária para a expansão de moradias, sobretudo, de segunda residência.

A casa que abriga o museu foi erigida em 1915, construída em madeira, dispoendo de três pavimentos. O museu foi aberto ao público em 2002. Atualmente, o público visitante é composto, principalmente, por grupos, previamente agendados, de estudantes de escolas da região.



Figura 01: Fachada do Museu da Família Zinani
Fonte: acervo dos autores

³ Foi aprovada, em 2007, a Lei Complementar nº 276, de 2 de maio de 2007, que institui o Plano de Proteção e Desenvolvimento para a agricultura e o roteiro turístico Estrada do Imigrante.

Todo o acervo é formado por objetos da própria família, acumulados ao longo de gerações, disposto pelos cômodos da casa. O contexto remete à imigração italiana, observada nos itens expostos e na ambiência. Alguns utensílios e ferramentas foram trazidos da Itália. No local, verifica-se uma adaptação do referencial cultural que veio junto com a família, de sua região de origem.

São exibidas peças de mobiliário, utensílios domésticos, itens de vestuário, fotos, quadros, cadernos com anotações de aulas, entre outras. Também estão expostas ferramentas que remetem ao trabalho com madeira e metal. Trata-se de acervo que reflete o dia-a-dia dos membros da família.

No local, além da possibilidade de visita aos cômodos da casa, são oferecidos os serviços de “café da colônia”, bem como a “*colassión*”, termo de origem vêneta, que se refere a café da manhã. Trata-se de uma refeição reforçada, em que se serve, normalmente, café, pão, salame, queijo, marmelada. Tais experiências podem ser vivenciadas no ambiente interno ou externo da casa. Os responsáveis pelo museu estão fechando uma parceria visando à conservação do acervo⁴. Ao lado da casa, há uma pousada, gerenciada, igualmente, pela família.

Museu do Imigrante de Bento Gonçalves – RS

O Museu do Imigrante (Vide figura 02) situa-se em Bento Gonçalves. O município foi constituído por diferentes etnias, tendo a imigração italiana e sua cultura como principais expoentes na constituição territorial. Não por outro motivo, o acervo principal do museu se refere a elementos oriundos da cultura da imigração Italiana. Caxias do Sul, nos anos 70, já tinha seu museu constituído e, por ocasião das comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Brasil (1975), foi iniciado um movimento, em Bento Gonçalves, para que o município instituísse o seu museu. Criado pelo decreto lei nº 566 de 18 de dezembro de 1974, foi aberto ao público em meados de maio de 1975 (DE PARIS, 2006) e a maior parte do seu acervo foi doada pela comunidade, por meio de gincanas, empréstimos e coletas.

O prédio onde está o museu foi construído em 1913 e, na década de 1920, funcionou, no local, uma escola profissional de ensino agrícola-zootécnico, especializada na criação de bicho-da-seda, atividade que foi marcante para os imigrantes italianos pelo fato de conhecerem as técnicas no país de origem. Por decisão governamental, no início de 1930, o prédio foi transferido ao município para a instalação de um hotel de veraneio, que funcionou durante 10 anos, época em que parte do conjunto foi destruída por um incêndio. Nesse período e nas duas décadas seguintes, diversos municípios do entorno de Bento Gonçalves se destacavam como destinos turísticos de verão, que, por recomendações médicas ou moda, recebiam visitantes em busca do clima serrano mais ameno nesse período⁵.

Posteriormente, o prédio foi recuperado para, então, abrigar o Museu do Imigrante, nos anos 70. Foi tombado por Lei Municipal nº1.111/82 e sua estrutura se manteve da mesma forma até 1987, quando o prédio sofreu um

⁴ Em 1943, o município de Alfredo Chaves, limítrofe a Bento Gonçalves, passou a se chamar Veranópolis, que significa cidade de verão, por conta do afluxo de visitantes nessa estação.

processo de restauro, sob a coordenação técnica do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN e passou a fazer parte da Fundação Casa das Artes de Bento Gonçalves. Com o restauro, foi anexado um espaço administrativo e sua estrutura permanece a mesma desde então.



Figura 02: Fachada do Museu do Imigrante
Fonte: acervo dos autores

O acervo do museu está disposto em sete salas tematizadas, que criam a ambiência de casa, que segundo De Paris (2006, p. 285) “facilita ao visitante reportar-se no tempo e compreender o processo imigratório na região nordeste do Rio Grande do Sul”, e conta com o seguinte acervo:

Material	Quantidade
Peças	4223
Mapas/projetos arquitetônicos	1236
Fotografias	2697 e 697 em processo de catalogação
Livros	1287
Documentos	957 e 301 de acervo particular
Periódicos e revistas	224
Cartões postais	114
Cartões	112
Santinhos	2093
Cromos	892
Folheteria	91
Partituras	765
Acervo não catalogado	524
Discos	3320
Total	19528

Quadro 01: Acervo do Museu do Imigrante / Fonte: Jornal Serra Nossa. 23 de julho de 2010.

⁵ O novo projeto de restauro não foi disponibilizado aos autores; o valor aprovado pela lei Rouanet foi de R\$ 1.000.000,00.

O prédio apresenta alguns problemas em sua estrutura e, desde 2009, o segundo andar está interdito para visitação. O telhado apresenta problemas de entrada de água, gerando umidade excessiva, o que pode comprometer o acervo. Em 2008, desenvolveu-se um projeto⁵ de restauro, cujos trabalhos devem ter início ainda em 2010.

Considerações Finais

Sob a luz do arcabouço teórico apresentado, busca-se desenvolver uma análise, ainda que preliminar, da situação observada em campo. No Museu da família Zinani, verificam-se nitidamente as adaptações realizadas ao longo do tempo, que refletem uma cultura da imigração. Não se tem a impressão de que está sendo retratada a cultura italiana. Identificam-se, sim, as adaptações que aconteceram, por exemplo, pelo uso de madeiras e outros materiais locais, bem como de técnicas que expressam as especificidades do contexto sócio-espaçial encontrado, no local, pela família.

O museu, assim, introduz o visitante ao universo do imigrante, do cotidiano familiar e da vida na 'colônia', através da representação das atividades de serraria, de alimentação, da vida social, etc.

De forma similar, no Museu do Imigrante, também é possível verificar uma abordagem da imigração italiana no que se refere a hábitos e costumes, criados e adaptados à nova condição de moradores da região. Entre objetos pessoais e artefatos antigos, rótulos e garrafas de vinho, o visitante visualiza elementos materiais que fizeram parte do dia-a-dia no novo lugar de residência.

Ao se pensar em museus, no momento atual, espera-se que se reciclem seus papéis habituais em prol de "una cercanía informadora y comunicativa con la comunidad" (FERNÁNDEZ, 2003, p. 11). Desse modo, verifica-se nos exemplos estudados, que muito ainda se tem a fazer em termos de preservação, exposição do acervo e educação e interpretação patrimonial, entre outras questões. Entretanto, com relação a seu papel de interlocutor de membros de uma comunidade, no que se refere a destacar elementos que a caracterizam e distinguem, como fruto de um processo adaptativo, estes museus têm dado sua contribuição.

REFERÊNCIAS:

- BOGDAN, Roberto C., BIKLEN, Sari Knopp. (1994) *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- BOSI, Ecléa. (1994) *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras.
- CARAS, (2004)
- COSGROVE, D. (1999) Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Zeny;
- CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p.17-48.

DE PARIS, Assunta. (2006) *Memórias*: Bento Gonçalves. Fundamentação histórica. Porto Alegre: Suliani.

DESLANDES, S. F. (1994) A Construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, M.C.S. (org.). *Pesquisa Social, Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

DI MÉO, Guy. (1994) Patrimoine e territoire, une parenté conceptuelle. In: *Espaces et Sociétés*. Paris: L'Harmattan.

DI MÉO, Guy. (2007) Processus de patrimonialisation et construction des territoires. *Colloque Patrimoine e industrie en Poitou-Charentes*: connaître pour valoriser. Poitiers – Châtelleraut: France.

DREHER, M.N. (1999) *A igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal.

FEATHERSTONE, Mike. (1997) *O desmanche da cultura*: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel e SESC.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. (2003) *Introducción a la nueva museología*. Madrid: Alianza Editorial.

FONSECA, M.C.L. (2005) *O patrimônio em processo*. 2ed. R.J: EdUFRJ, Minc, Iphan.

GIRON, L. S. (1977) *Caxias do Sul*: Evolução Histórica. Caxias do Sul, UCS.

GRAVARI-BARBAS, Maria. (1995) *Le "sang" et le "sol"*: le patrimoine, facteur d'appartenance à un territoire urbain. Le territoire, lien ou frontière? Paris, Université d'Angers.

HAESBAERT, R. (1999) Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p.169-190.

HALBWACHS, Maurice. (1990) *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

HEINICH, Nathalie. (2009) *La fabrique du patrimoine*: de la cathédrale à la petite cuillère. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

LE GOFF, Jacques. (2003) *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. 5ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP.

MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. B. (1995) *Designing Qualitative Research*. 2ª ed. California, EUA: Sage Publications.

MAURE, Marc. (1996) "La nouvelle muséologie – qu'est-ce-que c'est?". In: SCHÄRER, Martin R. (ed.) *Museum and community II*, Icofom Study Series (ISS) 25, Vevey, Suíça, Alimentarium Food Museum, pp. 127-132.

MEIHY, J. C. S.B. (2005) *Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola.

PAOLI, Maria Célia. (1992) Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH.

SOJA, 1993

STIGLIANO, Beatriz Veroneze. (2009) *Participação comunitária e sustentabilidade socioambiental do turismo na vila ferroviária de Paranapiacaba, S.P.* Tese de doutorado. São Paulo: PROCAM/USP.

URRY, J. (2001) *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.* 3ªed. São Paulo: Studio Nobel.

VALDUGA, Gustavo. (2007) *Paz, Itália, Jesus, uma identidade para imigrantes e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense.* 2007. Dissertação (Mestrado) – PUC, Porto Alegre.

VENTURINI, (2006).